

PEQUENO MUNDO

A diversidade do Cruzeiro Center

Centro comercial, no Cruzeiro Velho, abriga lojas de todos os tipos

Local é ponto de encontro para moradores antigos e velhos amigos

Cruzeiro é mais do que uma cidade satélite de Brasília, é um subúrbio do Rio transplantado para o Planalto Central, onde, na Nova Capital, é mais vivo o espírito da classe média carioca. Tudo aconteceu em função de uma feliz coincidência: fixaram-se no Cruzeiro os gráficos da Imprensa Nacional, motoristas e pessoal de apoio do Itamaraty, da Presidência da República, do DNER. O espírito da Zona Norte e dos subúrbios do Rio - o mundo da "Mangueira, Salgueiro, Oswaldo Cruz e Matriz", citados por Noel Rosa.

Tudo no Cruzeiro respira a picardia, o humor, o espírito esportivo dos subúrbios do Rio. Como é o caso do Cruzeiro Center. Quem procura os cariocas de Brasília, encontra-os no Cruzeiro

O cenário é de uma pequena cidade do interior do País. Tudo caminha em ritmo lento, as pessoas se conhecem há muitos anos, as lojas são pequenas e modestas e ainda existe o típico botequim. Este é o Cruzeiro Center, uma quadra de quatro blocos comerciais, cravada no

centro do Cruzeiro Velho.

Neste espaço, convivem lado a lado a modernidade e a tradição. Um botequim é vizinho da loja do Bingão e uma oficina mecânica divide harmoniosamente o espaço com uma locadora de fitas de vídeo. Na verdade, pode-se encontrar de tudo no Cruzeiro Center. Existem panificadoras, açougue, lanchonetes, vidraçaria, casa lotérica, de material de construção, e, em tempos de eleição, também um comitê eleitoral.

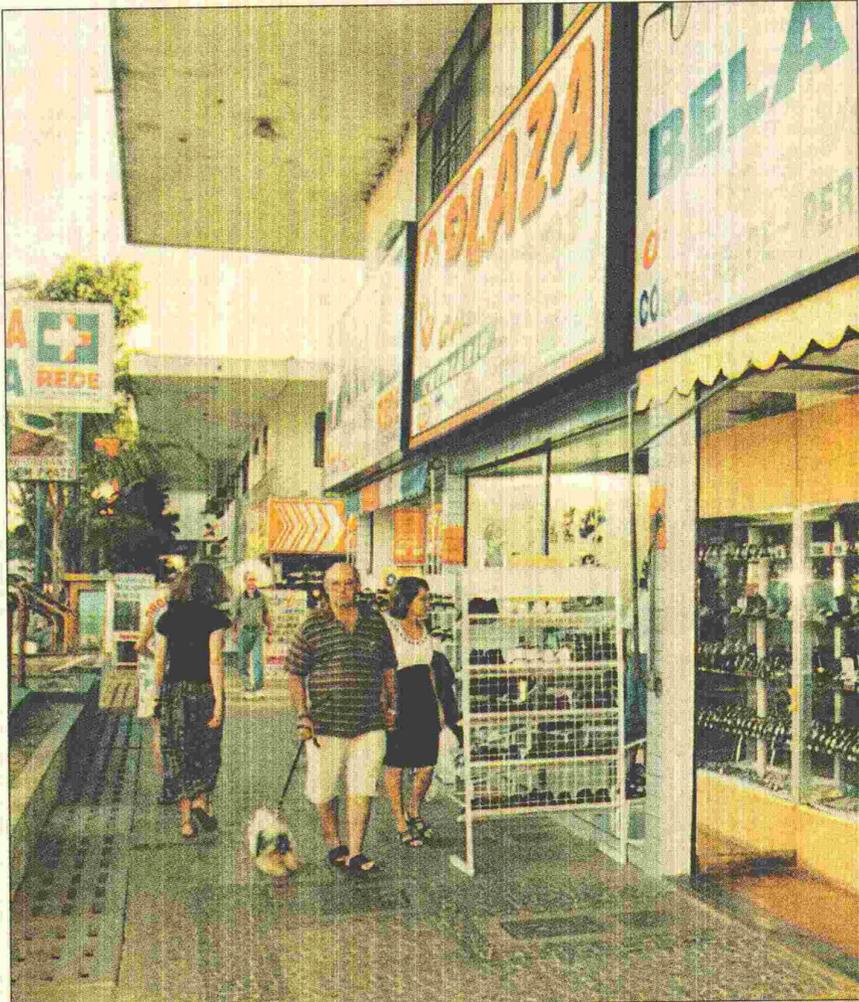
"Esta é a grande vantagem do centro comercial", explica a dona-de-casa Regina Célia Souza Póvoa, 26 anos, moradora da quadra dez, no Cruzeiro Velho. "Na minha quadra não há opção, então, eu venho aqui quase todos os dias".

Supermercado

Célia utiliza muitos dos serviços oferecidos no centro. Ela é freguesa, há muitos anos, do relojoeiro, que tem uma mesinha dentro de uma papelaria. Para Regina, a única coisa que falta no centro comercial é um supermercado. "Tenho de comprar no Makro ou no Carrefour e aqui seria muito melhor, porque é mais perto".

O vendedor Níveo Bandeirantes, 59 anos, morador da quadra seis no Cruzeiro Velho, a poucos metros do lugar, também é um dos frequentadores assíduos do centro comercial, mas não por falta de opção. Ele vai todos os dias, religiosamente, ao Cruzeiro Center para conversar com os muitos amigos que fez no local. "Aqui, todo mundo se conhece", conta. "O povo é humilde e comunicativo". Para Bandeirantes, não existem defeitos no centro comercial, que ele já tem como uma extensão da sua casa. "Tudo é bom", afirma. "Mas o melhor é o calor humano", completa.

O pedreiro José Aldir Aires, 36 anos, não vai muito ao Cruzei-



NO CRUZEIRO Center, ritmo é de uma cidade do interior, sem pressa e sem stress

ro Center, já que mora no Cruzeiro Novo, área de apartamentos mais afastada do centro comercial e onde existe maior variedade no comércio. Mas, quando pretende comprar, acaba se dirigindo ao local. "Costumo fazer pesquisa de preços e

aqui os preços são mais baixos", revela.

Oficina

Mas nem sempre a tranquilidade, combinada com a variedade do comércio, foi a principal característica do centro comercial. "Isso aqui era

uma loucura", lembra Paulo Alves de Araújo, 45 anos, carteiro dos Correios e Telégrafos que há 16 anos entrega cartas no Cruzeiro Center. "Era um movimento danado de gente de um lado para o outro, que era difícil até de caminhar".

Familiarizado com o local

(muitas vezes, ele interrompeu a conversa para retribuir o cumprimento dos amigos que passavam), Paulo Alves explica que o movimento no centro comercial caiu, há mais ou menos quatro anos, devido à crise econômica e à saída das oficinas mecânicas do local. Segundo ele, eram as oficinas que seduziam a freguesia e, conseqüentemente, as casas de peças, que por sua vez, atraíam mais clientes. "Se me perguntarem se eu tenho algo para reclamar, tenho sim: quero as oficinas de volta", protesta.

Ele diz que nem mesmo a calçada do Cruzeiro Center, que só chegou há quatro anos, atraiu o público. "Engraçado que, no tempo em que as ruas eram de barro e por todo canto fedia a esgoto, tinha mais gente", lembra. "Agora, temos este movimento tranqüilo todo o tempo".

O comerciante José Guimarães Filho, de 69 anos, também é outra pessoa que conhece, como poucos, o centro comercial. Ele chegou ao local em 1976, somente dois anos após a sua construção, e montou a primeira papelaria do Cruzeiro Center. Segundo ele, o centro comercial foi criado para retirar o comércio dos fundos das casas, onde a maioria funcionava (inclusive a loja dele) e concentrá-lo em uma área destinada para isso.

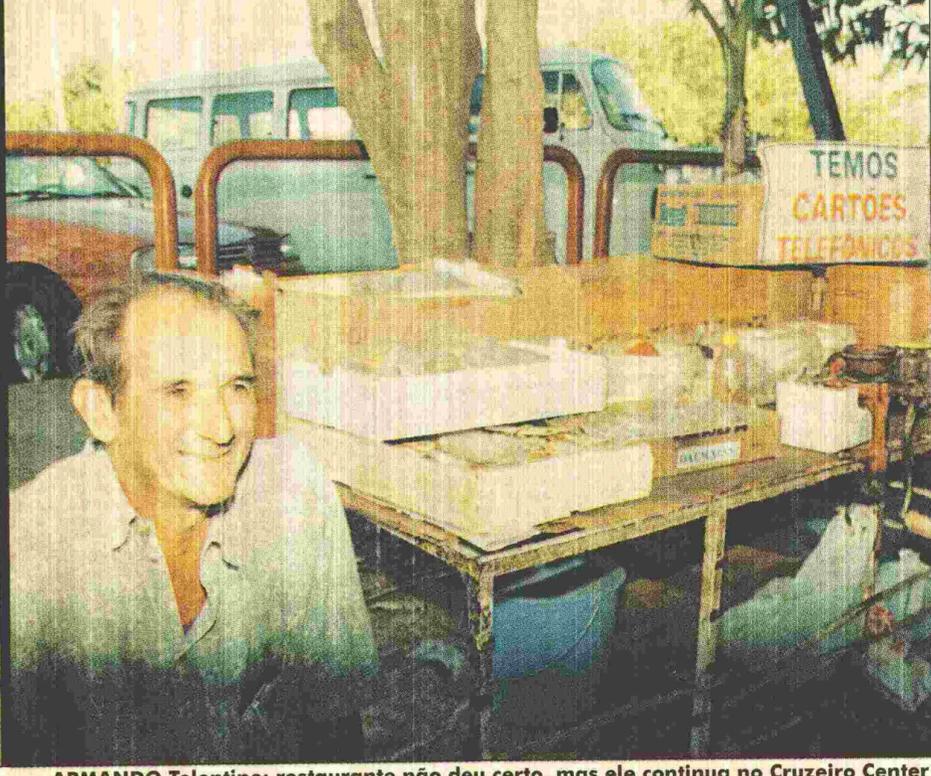
José Guimarães também concorda com o carteiro e diz que o comércio já esteve muito melhor. "Depois da criação, aumentou muito o comércio daqui, as lojas chegaram a lotar o Cruzeiro Center", conta. "Hoje, o comércio está regredindo, há lojas fechando".

Ele se orgulha de ter conseguido se estabelecer e superar todas as crises. "Já passaram por aqui 24 papelarias e eu tenho ficado", diz. "Estou satisfeito. Não devo a ninguém".

HELAYNE BOAVENTURA
Repórter do Jornal de Brasília



HÉLIO Pereira: "Não posso reclamar. Graças a Deus, isso aqui para mim foi uma bênção"



ARMANDO Tolentino: restaurante não deu certo, mas ele continua no Cruzeiro Center

Histórias de sucesso e fracasso

No Cruzeiro Center, podem-se encontrar histórias de vida de comerciantes que partiram do nada e hoje são empresários de sucesso e outros que, ao contrário, não foram felizes no ramo que escolheram.

O centro comercial trouxe muita sorte para Hélio de Castro Pereira, 60 anos, proprietário da rede de lojas Puro Pano. Ele montou a sua primeira loja de retalhos, chamada Só Retalhos, em 1977, no Cruzeiro Center, criado em 1974, e hoje é dono de mais três lojas no Distrito Federal.

Ex-contínuo das Casas Pernambucanas, ele escolheu o lugar para montar a sua loja. "Pesquisei alguns lugares, mas em muitos uma loja de retalhos não era novidade", lembra. "

Aqui no Cruzeiro Center não tinha nada, então achei que seria o melhor lugar".

Com o tempo, a loja evoluiu e, da venda de retalhos, passou a vender tecidos. Hoje, a Puro Pano comercializa as tendências do Brasil e do exterior e tem uma clientela fiel. "Temos alguns fregueses do Cruzeiro que compram há muitos anos na loja, mas a maioria vem de outros lugares", explica Hélio de Castro.

De acordo com ele, o Cruzeiro Center está localizado em um ponto estratégico da cidade. "Aqui, é uma via de fácil acesso e, por isso, temos clientes de Taguatinga, da Ceilândia, do Gama e até do Entorno". Segundo Hélio, o centro já evoluiu bastante nesses anos e ele não tem do que reclamar. "Graças a Deus,

isso aqui para mim foi uma bênção", revela.

Infelicidade

Para Armando Tolentino, 60 anos, o centro não trouxe a mesma felicidade, mas ele não se afasta de lá. Em 1987, montou no Cruzeiro Center o restaurante Verde Mar, que não foi muito longe. Com a crise econômica vivida pelo comércio há quatro anos, ele teve de fechar as portas de seu estabelecimento.

E, mesmo morando em Luziânia, Tolentino continua frequentando o centro. Hoje, ele tem uma banca onde vende temperos e raízes. "Aqui, eu já era conhecido do povo", explica. "Tentei vender no Plano Piloto, mas lá é mais difícil, há mais concorrência". (H.B.)

Falta estrutura para moradores

O Cruzeiro Center abriga, além do comércio, várias pessoas que moram sobre as lojas, em apartamentos ou salas. Elas vivem o conforto de ter um rico comércio bem embaixo de casa, mas também as desventuras de morar em um local sem a estrutura necessária para residências.

Apesar disso, a comerciante Maria do Carmo Cavalcanti, 55 anos, não reclama do local onde mora há 15 anos. Ela, o filho com a esposa e o neto vivem em um apartamento de três quartos sobre a lanchonete de sua propriedade. "É muito bom morar em cima do trabalho", explica. Ela diz que a localização de sua casa é muito vantajosa. "Tudo o que

eu preciso comprar tem aqui perto", avalia.

Já a balconista Palmira Rabelo, de 23 anos, vê outras vantagens em morar no Cruzeiro Center. "Aqui é tranqüilo e tenho muitos amigos", conta. "Dá para ficar na rua até tarde da noite sem nenhum perigo". Ela diz que o único inconveniente é que a sala onde vive não foi feita para morar. Tem somente um cômodo e um banheiro, onde moram, além dela, a filha Paloma, de dois anos, e três amigas.

O problema de Cirlene Cunha Teles, 22 anos, outra moradora do local, não é espaço. O apartamento em que ela vive tem lugar de sobra. Ela diz que também são muitas

as vantagens de morar em uma quadra comercial. "Às vezes, falta alguma coisa em casa e só é preciso descer para comprar".

A reclamação dela é contra a falta de policiamento no centro, principalmente à noite. Ela estuda no período noturno no Centro de Ensino n°1, bem em frente ao centro comercial e afirma que são poucos os policiais nesse horário. "Muitos colegas também moram aqui, deveria haver mais policiamento". O barulho também é outro problema que ela constata. "Meu bebê, muitas vezes, não consegue dormir", explica. "Mas eu não posso reclamar, afinal, já sabia que era uma quadra comercial quando vim morar aqui". (H.B.)

Sebastião Pedro

Geraldo Magela